

AS EXIBIÇÕES DE PALEONTOLOGIA NO MUSEO DE LA PLATA

Sandra Elena Murriello, Maria Margaret Lopes
Instituto de Geociências/DGAE - UNICAMP

As últimas décadas do século XIX foram marcantes para a Argentina. Tratava-se de um país promissor que estava se consolidando, explorando seu território, abrindo suas portas ao mundo inteiro e buscando definir sua identidade. Neste contexto, numerosas instituições vinculadas às ciências foram criadas e entre outras, o *Museo de La Plata* se destacaria, crescendo rapidamente na nova cidade construída para abrigar a também nova capital¹, da Província de Buenos Aires. Em outubro de 1884 se assentaram as bases do Museu que abriu suas portas ao público, pela primeira vez, em 1887. Várias inaugurações se sucederam à medida em que se iam abrindo novas salas (Teruggi, 1988), sendo sua inauguração oficial em 19 de novembro de 1888.

Francisco Pascasio Moreno (1852-1919)- conhecido naturalista argentino-, idealizador e primeiro diretor do *Museo de La Plata*, pretendia que o desenho arquitetônico e expositivo do museu representasse o plano da natureza que estava sendo “desvendado” aos estudiosos da época: seu sentido evolutivo deveria ficar impresso no “*anillo biológico*” que “*principia en el misterio y termina con el hombre*” (Moreno, a 1890-1 p. 39). Inspirado nas idéias do paleontólogo francês Albert Gaudry, Moreno pretendia que o visitante pudesse percorrer um itinerário que o conduzisse através da evolução biológica, desde as formas inanimadas até a máxima expressão da evolução física e cultural: o homem. Desta forma se deixou de lado a estrutura de plantas retangulares que estava em voga para esse tipo de instituição (Fortino, 1999) e se desenhou o edifício com a forma de uma elipse, que ainda o caracteriza até hoje. Assim se ergueu o “*templo griego en la pampa lisa*” (Podgorny, 1995 p.90) como um dos edifícios mais custosos da nova capital (Sheets-Peenson, 1988).

Neste museu, mais que centenário, focalizamos nossa atenção e temos buscado acompanhar fragmentos de suas transformações museográficas. Centraremos a análise nas exposições paleontológicas, por serem essas, as que apoiadas em uma riquíssima coleção, conferiram desde às origens do museu, seu maior renome internacional (Ward, 1980; Lydekker, 1894; Perez Gollan, 1995). Estas coleções sempre se destacaram em toda a trajetória da instituição e sempre têm estado amplamente representadas na exposição, ocupando hoje mais de um terço das salas existentes.

A escassa historiografia sobre o museu e o descuido na conservação de sua memória institucional dificulta a reconstrução de seus processos expositivos, aqui retomada com o apoio de poucas fotografias conservadas, de descrições de alguns visitantes especializados, de informes e documentos institucionais existentes e de entrevistas realizadas com pessoas envolvidas nos processos de preparação e conservação das exposições.

Baseadas na documentação existente sobre as exposições paleontológicas foi possível identificar em uma primeira análise quatro épocas, cujas características definidoras discutimos a seguir.

1. Época fundacional (1887-1920): um museu de primeira linha
2. Época de ajustes (1920- 1946): consolidando a exposição
3. Época de mudanças (1946 – 1985): um mosaico em formação
4. Época de cenários (1987-2002): voltar às origens
5. Época atual (a partir de 2001): integrando disciplinas

1-Epoca fundacional (1887-1920): un museu de primeira linha

O sonho de Moreno foi construir um museu que desse conta das riquezas naturais e culturais da América do Sul, convertendo-se em um referencial mundial, que fosse útil aos estudiosos da época, ao público curioso por aprender mais e ao “povo inculto”. Estando na vanguarda da ciência, suas exposições deveriam mostrar a continuidade da vida demonstrada pela recentemente aceita teoria da evolução. Baseado nos modelos da *Smithsonian Institution*, do *British Museum*, do *Royal College of Surgeons* de Londres e do *Muséum National d’Histoire Naturelle* de Paris, Moreno buscou seguir em sua proposta museológica os lineamentos organizacionais de William H. Flower – o proeminente diretor do departamento de História Natural do *British Museum* e presidente da Associação Britânica para o Avanço das Ciências, no final do século XIX.

Já em 1889, o público adentrava ao Museu através de uma rotunda central onde grandes pinturas murais representavam cenas “*de la naturaleza Argentina y de la vida indijena salvaje*”(Moreno,1890/1) antecipando assim uma reconstrução do passado que ia

ser mostrado através dos objetos-fragmentos dessa ‘realidade’ nas salas. À direita abria-se o percurso das áreas de Geologia e Paleontologia que ocupava dez dos dezessete salões do térreo do edifício, todos delimitados por um critério basicamente disciplinar e taxonômico. O primeiro andar dispunha de apenas dois salões dedicados à Biblioteca e à Belas Artes.

A idéia norteadora da exibição do Museu: percorrer as etapas evolutivas da vida até seu ápice representado pelas atividades culturais, plasmava-se na ordem do percurso das suas salas cujo desenho esteve, inicialmente, sob a responsabilidade de Moreno e seus ajudantes. Assim reinava um critério expositivo uniforme, que seria aos poucos alterado nas distintas seções, uma vez que foram criados os laboratórios de pesquisa. Os chefes de seção passaram a ser os responsáveis pelas diversas salas e os preparadores se ocupavam, apoiados pelas oficinas do próprio Museu, da montagem e manutenção das coleções.

O nascente *Museo de La Plata* se viu beneficiado pela abundância de vertebrados fósseis dos terrenos pampeanos e patagônicos. Mesmo nas escavações superficiais que se realizavam para a obtenção do material para a fabricação dos tijolos a serem utilizados na construção da nova capital, se encontravam constantemente os objetos paleontológicos que engrossavam as coleções do Museu e das quais evidentemente as exposições se nutriam. Os grandes mamíferos montados que se exibiam eram uma das características que se destacavam em suas exposições e eram o grande motivo de admiração dos visitantes. A necessidade de se incorporar peças grandes e chamativas foi uma forma de atrair o público e uma estratégia para adular a classe política de quem se necessitava apoio financeiro e institucional, destacando também dessa forma, a riqueza do território argentino que já remontava a períodos pré-históricos (Podgorny, 1995, 1998).

O desenho da exibição que se repetia nas distintas salas de Paleontologia privilegiava os grandes esqueletos montados, total ou parcialmente. Esses ocupavam os espaços centrais e vitrines laterais onde se colocavam ossos soltos ou restos fósseis de menor tamanho. Os esqueletos estavam montados, sem proteção nenhuma, sem barreiras em relação ao visitante, apoiados em suportes metálicos sobre tablados de madeira normalmente alinhados em série, uns atrás dos outros o que reforçava a idéia de ordem classificatória, tão cara aos museus de História Natural da época (Pearce, 1992). A falta de proteção dos esqueletos expostos foi motivo de preocupação por sua deterioração (Lydekker, 1894) e de fato, pouco tempo depois da abertura do museu ao público Moreno menciona que já se haviam estragado algumas peças (Teruggi, 1988). As estantes, de madeira e vidro, eram realizadas nas próprias oficinas do museu. As partes superiores, com os vidros divididos em quatro seções, eram utilizadas para a exibição, enquanto que as inferiores eram destinadas a guardar as coleções de pesquisa. Assim essas estantes-depósito tinham uma dupla função útil à necessária economia de espaço, mas não respondiam ainda à pretendida separação dos espaços de instrução e de pesquisa, já recomendada pelos princípios organizacionais de museus de Flower.

Os grandes salões do museu eram frios e lúgubres. As cores eram sóbrias e a iluminação das salas se dava por luz natural, através das janelas laterais ou de clarabóias de vidro que também tinham a função de ventilação do prédio. Como a iluminação pública ainda não havia chegado ao Museu, a iluminação complementava-se, em algumas salas, com lâmpadas penduradas do teto que funcionavam a gás. Devido às restrições de iluminação, o Museu estava aberto somente nas horas de luz do dia e seu horário variava com as estações.

Em 1905, quando se fundou a Universidade Nacional de La Plata, a partir da reunião de instituições de investigação e docência já existentes (Castiñeiras, 1938), o Museu passou a fazer parte da mesma, incorporando como nova atividade o ensino superior de Ciências Naturais. Desde então, e em meio a muitas lutas institucionais, seguiu sendo um Museu vinculado à Universidade. Este fato tem sido assinalado reiteradas vezes como uma situação desvantajosa, uma vez que a atividade museológica teria sido relegada frente às atividades docentes.

Época de ajustes (1920- 1946): consolidando a exibição

Institucionalmente esta época compreende um período marcado pelas longas direções de Torres y Frenguelliⁱⁱ durante as quais existiu um detalhado registro de todo o concernente ao Museu.

Durante este período não se realizaram modificações relevantes nos critérios de exibição adotados para as salas de Paleontologia, embora tenham acontecido importantes mudanças museográficas, ampliações, reparações e algumas trocas ou incorporações de objetos tendentes a melhorar e consolidar a exibição já montada. Durante os anos 20, inúmeros fósseis montados foram colocados dentro de vitrines protetoras, o que permitia a Torres dizer que mesmo que houvesse aumentado o número de visitantes “ *sea porque el nivel de la cultura general se ha elevado, sea porque todas las colecciones están bajo vitrinas, ya no se producen los destrozos que lamentaba Moreno*”(Torres, 1927, p. 298). Nesses anos o material exibido foi etiquetado com seu nome

científico, vulgar e procedência, já que parte dele carecia de identificação até então (Torres, 1923). Nos anos seguintes se acrescentou à exibição desenhos e quadros que representavam os possíveis hábitos e a reconstrução de ambientes aos quais poderiam ter pertencido os objetos expostos.

Tais mudanças no entanto não alteraram os princípios estabelecidos por Moreno para o Museu, qual seja, mostrar em suas salas a evolução da vida e privilegiar a riqueza de formas existentes na América do Sul.

3-Época de mudanças (1946 – 1985) : um mosaico em formação

A partir de 1946, ao ritmo dos vaivéns políticos e institucionais, se sucederam numerosas mudanças de direção. Assim o Museu teve por curtos períodos, que em geral não superaram dois anos, interventores, delegados, decanos-diretores ou decanos interinos à frente da instituição (Teruggi, 1988). Desses anos existem registros assistemáticos, muitos deles hoje dispersos, da atividade realizada no Museu.

A segunda metade do séculoⁱⁱⁱ, em meio às tensões Faculdade-Museu, frente ao crescimento da primeira e das profundas mudanças políticas do país que atingiram diretamente a vida da instituição, as exposições paleontológicas em parte se paralizaram. Ainda que tenham existido projetos de remodelação de várias salas paleontológicas só se realizou a reforma das Salas III e IV nos anos 1976-1977, no início da última ditadura militar. As estantes dessas salas foram reformadas. Ganham nova pintura em tons claros, diminuíram sua altura, incorporando-se iluminação própria, desenhos, fotografias e também alguns elementos auxiliares como uma lupa fixa em um de seus vidros. Adicionou-se também nas salas iluminação artificial. Estas modernizações correspondem às que Teruggi(1988) identifica como pertencentes a uma segunda época nos estilos das exposições, cujo início dataria aos anos de 1940.

Assim, o Museu que inicialmente esteve na vanguarda museística mundial foi se tornando um mosaico de critérios expositivos ficando, muitas das suas salas, paradas no tempo em seus aspectos expositivos, ao mesmo tempo em que as investigações paleontológicas continuavam avançando abrindo amplas possibilidades aos pesquisadores.

4-Época de cenários (1986-2002): a volta à origem

A volta da democracia na Argentina em 1983, depois de uma forte ditadura militar, iniciou uma nova etapa de reorganização institucional, sob a condução de um decano normalizador que foi continuada, em 1986, pela eleição de Schalamuk e Frangi como decano e vice decano respectivamente. Este último foi quem assumiu a responsabilidade dos assuntos correspondentes ao Museu, já que uma vez mais se pretendia, diferenciar organizativa e financeiramente o Museu da Faculdade.

Foi nessa gestão que uma importante restauração do prédio foi realizada através de um acordo de cooperação com Japão, que possibilitou a troca de peças paleontológicas por equipamentos e fundos para subsidiar as necessidades de infraestrutura. Os frisos foram pintados e renovada toda a iluminação do Museu. Várias salas, principalmente as de Paleontologia, foram reformadas utilizando também recursos econômicos próprios. As obras começaram em 1987 e finalizaram em 1992. A idéia reitoria da reforma foi plasmar, finalmente, a proposta fundacional de Moreno que ainda não tinha acabado de se desenvolver completamente. Sob um critério cronológico reorganizou-se, então, o conteúdo das salas gerando uma seqüência que se iniciava na Sala III com as origens da vida e finalizava na Sala IX com as exposições de Paleontologia do Quaternário, incorporando a convivência dos seres humanos com os grandes mamíferos sul-americanos hoje extintos.

Museograficamente a transformação mais relevante foi a construção de três grandes cenários com esqueletos de mamíferos da América do Sul montados com uma mínima reprodução de seu habitat e com desenhos de seu possível aspecto físico. Todas as salas foram totalmente reformuladas incorporando novos objetos e trocando diversas peças. A renovação da pintura, a incorporação de novos desenhos artísticos e de cartazes explicativos com diferentes níveis de informação, no entanto não mudou substancialmente a exposição. Como caracterizou Bauer, presidente da Fundação Museu em sua carta a tratou-se de uma reforma “cosmética”

Após essa reforma, durante a última direção de Teruggi iniciada em 1994, foi contratada uma museóloga externa ao Museu que projetou uma nova mudança para as três primeiras salas de Paleontologia e a única sala de Geologia existente. Neste projeto previa-se uma reorganização do percurso e do conteúdo das salas sob uma ótica mais integradora. A Evolução, O Universo e a Terra, Origem da Vida e Vida durante o Paleozóico e Vida durante o Mesozóico eram os temas propostos para as novas salas. Embora referendada institucionalmente nunca chegou a se realizar por falta de recursos econômicos.

Época atual (a partir de 2001): integrando disciplinas

O *Museo de La Plata* continua sendo até hoje uma instituição acadêmica de prestígio internacional e um bem cultural valorizado como tal pelos próprios pesquisadores e pela opinião pública argentina (Langard, E. y Toldo, C., 2000). Sua exposição paleontológica é das mais importantes do país e da América Latina, conta com uma prestigiosa equipe de investigadores que trabalham em Paleontologia com uma forte tradição no estudo de mamíferos fósseis (Tonni y Pasquali, 1999) e seu acervo se constituiu, ainda hoje, como referência internacional na área.

Para a Argentina, o ano de 2001 foi um ano de uma grave crise política e econômica que atingiu as instituições acadêmicas. Nesse contexto uma proposta alheia ao Museu, proveniente da *Fundación Antorchas* junto ao pessoal de museografia da *Smithsonian Institution*, deu início a esta nova etapa de concepção das exposições. O Museu recebeu a proposta de remodelar uma sala como culminação de um seminário de capacitação em conservação preventiva e desenho de exposições, do qual participavam funcionários do Museu. Começou assim o desafio de remodelar uma sala, em curto tempo, com uma equipe de profissionais de diversas instituições, mas sem um plano geral que contextualizasse a reforma.

Até então a organização interna das salas continuava, como na época fundacional, sob a responsabilidade dos chefes de divisão do Museu. Porém, a proposta de integrar áreas na remodelação desta sala quebrou a demarcação desses territórios envolvendo vários departamentos. Assim a “nova sala” foi o resultado das negociações entre os chefes, a direção, a equipe de museólogos externos à instituição e os agentes financiadores^{iv}.

A primeira sala de Paleontologia foi, então, a escolhida para tornar-se uma sala introdutória ao Museu na qual se buscou trabalhar desde uma perspectiva integradora e funcional, não mais de uma disciplina, mas desta vez do planeta inserido no cosmos. O nome da sala: “*La Tierra, una historia de cambios*” manifesta seu enfoque. Museograficamente a mudança tem sido mais radical, ainda: a presença de materiais interativos, a ambientação que reduz o tamanho da sala, a presença de inúmeras imagens gráficas, o uso de cores alegres e luzes direcionadas, marcam uma renovação notável, que vai além do cosmético. Os objetos, continuam presentes mas deixaram, em parte, seu protagonismo.

Esta experiência impulsionou a continuação das reformas^v seguindo a proposta conceptual e museográfica ainda que as atuais sejam de menor envergadura, pela ausência de apoios econômicos externos.

Considerações finais

O *Museo de La Plata* conformou-se, como outros museus de História Natural, centrado nos objetos. Especialmente no caso da Paleontologia são os fósseis, que mudados de lar, reorganizados, explicados ou emudecidos têm sido o centro das exposições até a construção da nova sala em 2002, em que os objetos com seu poder de atração passaram a enfrentar a concorrência de novos atrativos. A perspectiva integradora que tem se tentado aplicar, a partir desta reforma é a primeira ruptura conceptual e organizativa que se apresenta em mais de 115 anos de instituição. Até então as reformas realizadas na área de Paleontologia respeitaram a ordem proposta por Moreno e conservaram seus pressupostos e limites taxonômicos e disciplinares.

As escassas transformações por que têm passado as salas de Paleontologia poderiam interpretar-se à luz de sua organização institucional, o que parece ter sido um obstáculo na geração e concretização de planos integrais, de seus sempre escassos recursos financeiros e da pouca importância outorgada pelos próprios pesquisadores do Museu à exposição frente a suas tarefas de investigação e docência.

O Museu que esteve na linha de frente museística mundial permaneceu amarrado a sua fama e a suas conquistas passadas, enquanto suas mudanças museográficas foram se aproximando de suas salas sempre com certo atraso e descompasso entre elas. Isto gerou um mosaico de critérios expositivos que embora dificultem a leitura de uma pretendida continuidade biológica por parte de seus visitantes, continua reforçando a perspectiva dos museus de História Natural fortemente apoiado em seus objetos únicos.

Bibliografia

- Castiñeiras, J. R. *Historia de la Universidad de La Plata*. Tomo I, UNLP, 1938
- Fortino, A. *La política comunicacional del Perito Moreno*. In Revista Museo Vol. 2 No. 8, 1999.
- Langard, E. y Toldo, C. *El Museo y la ciudad de La Plata*. In CD III Jornadas Nacionales "Enseñar a través de la ciudad y el Museo", Mar del Plata, 2000.
- Lydekker, R. *A monthly review of scientific progress*. Natural science. Macmillan & Co. London and New York. Vol IV, Janeiro-June 1894

- Moreno, F. P. *EL Museo de La Plata. Rápida hojeada sobre su fundación y desarrollo*. Revista del Museo de La Plata , Tomo I, 1890-1
- Pearce, S. *Museums, objects and collections: a cultural study*. Leicester University Press, 1992.
- Pérez Gollán, J. A. *Mr. Ward en Buenos Aires*. In Ciencia Hoy, Vol. 5 N° 2, 1995
- Podgorny, I. *De razón a facultad. Ideas acerca de las funciones del Museo de La Plata entre 1880 y 1920*. In: Runa 22: 89-104, 1995.
- Podgorny, I. *Uma exibição científica dos Pampas*. In Idéias, 5 (1):155-172, Campinas, 1998
- Sheets-Pyenson, S. *Cathedrals of science. The development of Colonial Natural History Museums during the Late Nineteenth Century*. McGill-Queen's University Press, Canadá, 1988.
- Teruggi, M. *Museo de La Plata 1888-1988. Una centuria de honra*. Fundación Museo de La Plata, 1988 (Tercera edición, 1994).
- Torres, L. M. *Memoria del Museo de La Plata correspondiente al año 1921*, Revista del Museo de La Plata, Tomo XXVII, 1923.
- Torres, L. M. *Guía para visitar el Museo de La Plata*, La Plata, 1927.
- Ward, H. *Los Museos argentinos*. Revista del Museo de La Plata , Tomo I, 1890-1.

Notas

-
- i A cidade de La Plata, foi planejada especialmente para ser a capital da Província uma vez que a cidade de Buenos Aires passou a ser a capital do país. La Plata foi fundada o dia 19 de Novembro de 1882.
 - ii Neste período se sucederam na direção do Museu: L.M.Torres (1920-1932); A. Scala (1933-1934), R. Levene (1933-1934) e Frenguelli (1934-1946).
 - iii Este período é o mais escuro na vida do Museu: falta documentação e, incluso, praticamente não é abordado na história institucional escrita por Teruggi.
 - iv As obras foram financiadas pelas *Fundaciones Antorchas, Bunge y Born* e pela própria *Universidad Nacional de La Plata*. Epon argentina, colaborou com as impressões.
 - v Atualmente esta-se reformando a Sala II, de Mineralogia e Petrologia, numa sala de Evolução..